



EGREJA DE BELLEVILLE.

A nova igreja de Belleville, que acaba de ser erecta em menos de tres annos, tem surpreendido os viajantes que chegam pela linha de Strasbourg.

Situada sobre um dos pontos mais elevados dos arredores de Paris, descobre-se de muito longe, e produz em certos horisontes effeitos completamente inesperados.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

O que sobressae principalmente n'este edificio, e a simplicidade das formas e a pureza do estylo. Sem duvida cada um pode ter o seu gosto particular; e como todos conveem em que não ha arte da nossa epoca, pode-se evidentemente preferir antes as formas gregas ou romanas ás gothicas; porém é preciso reconhecer, que o architecto que construiu a igreja de Belleville com-

MARÇO, 13, 1853

penetrou-se de tal modo dos principios da arte gothica, comprehendeu tão bem todos os matizes e todas as delicadezas, que chegou a crear, n'este estylo, um monumento inteiramente novo pela sua disposição e particularidades.

Effectivamente, chegou a satisfazer as novas necessidades. Assim esta egreja tem quatro subdivisões destinadas ás sacristias e salas de catechismo, o que se não vê em nenhuma egreja antiga; e presentemente, no ponto de vista da forma, não ha nenhum exemplo que recorde a simplicidade dos pilares interiores, e a elegancia d'estas duas flechas tão finas e delicadas que flanqueiam a fachada principal. D'ordinario as agulhas parecem separadas das torres sobre que se erguem, e a separação é, a maior parte das vezes, designada por balastradas, em quanto em Belleville a base da flecha sae da torre de maneira tão simples e natural, que é difficil conhecer a passagem da forma quadrada das torres para a forma octogonal das agulhas.

O architecto, mr. Lassus, fez esta fabrica, introduzindo-lhe diversos melhoramentos, com menos despeza do que a calculada.

A 24 de Junho de 1854, foi assente por mr. Haussemann, prefeito do Sena, a primeira pedra d'este edificio; os alicerces tinham sido antecedentemente benzidos por monsenhor Sibour, arcebispo de Paris.

O edificio tem setenta e nove metros de comprimento sobre vinte e oito de largo, e a altura ate ao fecho da abobada é de dezenove. Foi edificado no terreno da antiga egreja.

Quando começaram as excavações, encontrou-se a primeira pedra da antiga egreja, sobre a qual estava gravada a inscripção onde se lia a data de 3 de Julho de 1636.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO XIX.

Volta a Feira Nova. — Recepção festiva. — O viajante resolve-se a passar o resto da sua vida a ver correr a agua de um rio. — Um muro velho transtorna esta resolução. O que a patria ganhou com isso. — Oito dias de vida que pareceram ao autor menos de oito horas. — Adeus! — Ao leitor.

As saudades que eu tinha da Feira Nova tornavam-me a vida insupportavel na terra do meu amigo M., e por isso, ao segundo dia da minha residencia ali, convenci-o da inutilidade da minha presença, e disse-lhe que o esperaria na casa do Mirante para regressarmos ao Porto. O M., como bom camarada, não quiz abandonar-me, e ao terceiro dia partimos ambos.

Com que alegria eu soltei o meu cavallo a galope quando chegámos á serra da Sobreira! Parecia-me que era para a minha casa e para o centro da minha familia que eu regressava, e ia saboreando com prazer infantil a surpresa que causaria a minha reaparição, tendo-me despe-

dido para nunca mais tornar. Uma vizinha, a mesma que da primeira vez me prestara tão grande serviço com a sua intercessão, ouviu de longe o galope dos cavallos, e tendo-me reconhecido foi correndo e gritando a bater as palmas para a povoação: «Elles ahí vem! elles ahí vem!» Como nos tinha visto de longe, e ainda na encosta, quando chegámos á escada de pedra, que fica em frente da porta da loja, já ali estava reunida a familia, que me tirou de cima do cavallo e me abraçou com as lagrimas nos olhos, agradecendo-me o ter voltado. Decididamente, esta familia mandou-a a Providencia ao meu encontro como compensação do muito que tenho soffrido e do que terei ainda a soffrer n'esta minha longa peregrinação!

A mãe e as filhas vestiram-se de gala para honrar com as suas presenças a ceia esplendida que nos deram. Foi uma recepção como a fariam a um filho que voltasse de longas viagens: uma festa d'aquellas que nunca esquecem ao que d'ellas são objecto, e de que eu me recordarei com saudades toda a minha vida. No dia seguinte declarei ao meu companheiro que não me achava disposto a sair de casa, e passei uma semana em vez d'um dia gosando as delicias domesticas.

Uma tarde em que, fora do meu costume, me dirigia sósinho para as bandas de um pequeno rio, que passa junto á Feira Nova, encontrei um salgueiral onde estavam cantando como a desafio um melro e uma tutinegra. Tão bem cantava um, tão bem respondia o outro, e aquelles cantares, ora cadenciados e maviosos, ora agudos e descompassados, casavam-se tão bem com o estado da minha alma, que não pude resistir ao prazer de ouvil-os, e sentei-me n'uma touça de salgueiros. Era quasi sol posto, e a tarde estava amenissima; o rio passava proximo ao lugar onde eu tinha os pés, formando uma cataratasinha no tronco de um vimieiro que estendia na ribeira as suas grossas raizes; o murmurar da agua parecia afinado pelo cantar das aves. Com os olhos fitos na ondinha fugitiva, comecei a sonhar, d'esses sonhos que a gente sonha tanta vezes acordado, vendo correr a agua, e ouvindo cantar os passaros. Sonhei desvarios: vi tudo còr de rosa no futuro, imaginei-me lavrador e fiz trinta mil planos para melhorar a condição das terras, aperfeiçoar os instrumentos agricolas, e apurar as raças bovinas; enfim tantos e taes melhoramentos empreendi que me arruinei. Os meus bois não podiam trabalhar de gordos e fidalgos que os eu tinha tornado; os meus campos, em vez de trigos, não creavam senão flores, e eram regados com aguas odoriferas; todos os meus criados tocavam flauta, e as minhas criadas andavam vestidas de pastoras da arcadia offerecendo-me cornucopias cheias de boninas. Os meus celeiros regorgitavam de eclogas pastoris: era o reinado de Astrea, na edade d'oiro, e n'um paiz de fadas agricolas. Eu sorria-me e esfregava as mãos com alegria; o

melro e a tutinegra cantavam ainda, mas eu ouvia-os apenas, e sem consciencia de que os seus gorgeios augmentavam o encanto do meu sonho. « Está dito! fico em Feira Nova. » A esta exclamação de entusiasmo calou-se o canto das aves. Eu ia fortificar ainda com algumas novas considerações a minha resolução, quando senti o estrondo de uma parede que se desmoronava ao meu lado. Acordei e vi um muro velho desabando a dois passos de mim. Corri para casa e declarei que partia no dia seguinte. Esta resolução, que encheu de tristeza as amáveis e generosas donas da casa, foi tomada por mim tão rapidamente porque o desmoronamento do muro, quando eu sonhava com as delicias de ficar n'aquella terra, pareceu-me um aviso do ceo interrompendo os meus desvarios. Cada pedra que vi rolar diante de mim era a lettra mysteriosa de um annuncio de desgraça. O ruído de todas ellas desabando era a voz do trovão, precursor de futuras tempestadas no ceo que me parecia eternamente despido de nuvens. Ora pois; não me guardava Deus para realisar aqui um novo paraíso. É outro o meu destino. E d'ahi quem sabe se eu não terei que representar ainda um grande papel no theatro das visualidades politicas? É certo que a repentina queda de um muro velho restituiu á patria um cidadão prestante, no momento em que este se despedia para sempre das grandezas e das vaidades do mundo para se fazer vaqueiro. O que não ganhou a patria com o meu regresso! E como me tem pagó, a ingrata? Para falar verdade acho-a muito pouco reconhecida; eu tenho voto, e nunca faltei a uma eleição; nunca me recusei a escrever versos nos albens, acto não só estúpido e caturra, mas nocivo ao senso commum; nunca comprei nos estanques do nosso contracto do tabaco um charuto que não fosse ~~podre~~; e tenho feito uma infinidade de coisas dignas todas de alta recompensa; mas o meu heroismo, como o de tantos outros, passa desaperecebido, em quanto que a Camões se lhe ergueu uma estatua por ter escripto alguns versos soffríveis! Oh! injustiça! Oh! parcialidade das parcialidades! Porém, como eu ia dizendo, a patria lucrou muito com o meu regresso, ainda que não seja senão pelo grande lustre que lhe alcançará a publicação d'esta minha interessante viagem. Deus lhe dê ao menos a necessaria intelligencia para entender e avaliar escriptos d'esta ordem, que são de grande transcendencia para o desinvolvimento e illustração do espirito humano.

Oito dias na casa da senhora *Mariquinhas do Mirante* pareceram-me oito horas, tal é o encanto da hospitalidade que ali se recebe! mas uma vez tomada a deliberação de partir, e calculando com anticipação as magoas da despedida, resolvi-me a sair de madrugada. A essas horas ainda todos estariam recolhidos e assim evitaria tristezas que sempre fazem mais saudade. Porém o meu intento foi adivinhado, e antes ainda de

nos termos erguido para chamar o criado ouvimos a dona da casa apressando os preparativos do almoço; e assim vimos frustrados os meus designios.

Eu não sei se é melhor, nas separações de pessoas que se amam, o evitar as despedidas, se o ceder ao desejo de estar na companhia dos que se deixam até ao instante do apartamento. O pesar que se sente, e a coragem que se necessita para dizer *adeus* á mãe que se vae perder de vista por muitos annos, á mulher que se adora, ou ao filho idolatrado, são talvez peiores do que a dôr de partir sem despedida. Comtudo, eu que sou fraco, nervoso, que me suffoco facilmente com a dôr ou com a colera, que choro de alegria, de enthusiasmo, de pena; que tenho uma sensibilidade verdadeiramente feminina,—eu, nunca me separei de pessoa alguma sem um *adeus*, sem esse grito da alma que se espedaça e parece querer ficar quando o corpo vae partir! É comtudo, entre as pessoas de quem por vezes me tenho separado, e a quem custou igualmente o apartamento, conto minha mãe, meus irmãos, toda a minha familia! De todos me separei por muitas vezes, e por muitos annos, (d'alguns para sempre!) e a todos disse sempre essa dolorosa e estremecida palavra de—*adeus!*—proferida mais com o coração do que com os labios; de todos a ouvi, e sempre ao ouvi-a senti inundarem-se-me os olhos de lagrimas! É que não ha nada mais triste, mais profundamente sentido, mais magoado, do que o *adeus*. Que immenso vácuo, que incerteza, que esperança, e que saudade não fica depois de pronunciada a palavra de despedida? *Adeus*, até d'aqui a um anno, até sempre, até algum dia, até quando Deus quizer!... Todo o affecto que pode caber no coração humano, e todo o problema do futuro.—do que hade ser,—tudo se confia a essa phrase! Eu não sei que haja nada mais penoso do que um *adeus*, não d'esses que se proferem sem reflexão: *até amanhã*, como se os que o dizem tivessem em sua mão o poder de suspender a morte que os surprehende antes que se tornem a ver; mas d'aquelles que o soldado antes de entrar em batalha repete á sua familia; dos que diz o marinheiro no momento de seguir viagem; e, finalmente, dos que todo o individuo que tem coração pronuncia ás pessoas que não espera tornar a encontrar na terra.

Era d'estes ultimos o que eu receava dizer á familia do senhor João Pedro Cardoso, e por isso foi tambem que, pela primeira vez na minha vida, o tentei evitar. A minha covardia foi severamente punida, pois que foi adivinhada, e toda a familia me esperava reunida á mesa do almoço. Dias antes, e com premeditação, se havia cada um de per si informado de quaes eram os meus pratos favoritos para n'esta occasião me surprehenderem com elles. Eu não sou grande comedor, porém em viagem come-se bem e o almoço da despedida era composto de acepipes capazes de lisonjear o paladar de Luiz XIV, e de

honrar o genio maravilhoso de Vatel. Animaram-me e comi bem: o que agora me parece, reflectindo com mais sangue frio, é que durante o almoço dei uma triste opinião da minha sensibilidade, mostrando-me de uma jovialidade indigna, e repetindo com felicidade ditos de um espirito atroz! O certo é que todos se riram francamente, quando eu, tirando da algibeira um jornal, comecei com toda a gravidade a embrulhar n'elle um enorme pastelão. Era o ultimo prato, e já ninguem lhe podia tocar, por isso declarei, que, uma vez que fôra feito para mim, jurava solemnemente que o comeria todo, como e quando pudesse.

Seriam onze horas quando montámos a cavallo. A familia, formada em linha no meio da rua, e flanqueada por duas ou tres vizinhas, inundava-me o rosto de lagrimas, abraçando-me repetidas vezes, e pedindo-me sem cessar que tornasse á Feira Nova. Quando eu já a cavallo, e suffocado pela magoa de deixar tão excellentes e bondosas creaturas, me dispunha a partir, ainda me abraçavam pelos joelhos, e me faziam quasi arrepender de não ficar. — Emfim, o derradeiro, o ultimo adeus foi dito no momento em que eu ia cobrir de ridiculo com um berreiro de choro esta scena pathetica. Rasguei os brancos a *Covadonga*, e não tornei a olhar para traz: mas o tropear dos cavallos não impediu que chegasse a meus ouvidos um som de voz flebil que parecia dizer ainda — adeus!... adeus!... adeus!...

Deixei correr o meu cavallo até Villa Boa do Bispo; e ali, depois de perguntar o caminho, dirigi-me para o Tamega, que atravessei na barca do Canguedo, e depois a estrada do Porto pelo alto de Perafita.

As tres horas e meia jantámos em Penafiel, e quando tocavam as Ave Marias na igreja do Bomfim entravamos a todo o galope na cidade do Porto.

Agora leitor benevolo e paciente dá-me licença que feche aqui a primeira das minhas excursões pelo Minho, afim de reparar as forças para te contar o que me succedeu na segunda. Esta primeira narração vae mais seccante do que eu desejava, e as duas interrupções que houve em sua publicação contribuíram para desnaturar a obra, levando-a para fora do plano que eu me tinha traçado. Se comtudo o benevolo leitor não ficou mal comigo, peço-lhe que continue a leitura na *segunda parte*, em que será indemnizado das faltas involuntarias que para com elle tenho commettido. E se não tiver animo para me seguir, lastimo-o sinceramente por que se priva de ler uma das mais interessantes, espirituosas, e instructivas publicações que teem honrado este seculo.

Fim da primeira parte.

GOMES DE AMORIM.

EGREJA DE SAINT-GERMAIN DES PRÉS.

O norte e o centro de França tem excellentes edificios no estylo ogival de todas as épocas, sendo comtudo raros os do romano. Neste genero só ha dois em Paris—a pequena igreja de *Saint-Julien--le-Pauvre* que pertence ao hospital, e a de *Saint-germain-des-Prés*, restos da poderosa e rica abbadia do mesmo nome.

É d'esta que vamos tratar.

O unico indicio que exteriormente designa um notavel monumento é a torre: porque o edificio está engravado entre outros particulares, menos a portada do norte, construida no seculo xvii no gosto pittoresco da epoca, e a porta occidental, que é a serventia principal.

A torre é de excellente estylo romano, e de uma severa e robusta elegancia, tendo só por ornato no plano inferior algumas janellas nas fachadas, e contra-fortes sobriamente perfilados. No plano superior rasgam-se de cada lado duas janellas ornamentadas de columnellos e cortinados. Acaba em flecha, formando-lhe a base quatro sineiras.

O interior do templo distingue-se pelo seu character imponente, sobrio, e ao mesmo tempo magestoso. Sem offerecer os contrastes pittorescos e tocantes de luz e sombra, em que abundam as igrejas gothicas; sem aquella elegancia de pilares que em feixes de columnas se arrojam do solo á abobada, como nos templos dos seculos xiii e xiv, apresenta comtudo uma bella harmonia e estylo grave que denunciam a idéa religiosa, apparecendo claro e franco o pensamento que concebeu tal plano, sem apparentar esforços d'uma imaginação torturada pelo desejo de realisar o impossivel.

Compõe-se de tres naves, uma principal e duas collateraes, que se prolongam ao redor do côro, que é raro nas igrejas romanas, presentindo-se assim uma transformação de architectura.

A nave principal está separada das collateraes por grossos pilares, cujos capiteis, tão afamados entre os archeologos, sustentam arcadas arrendadas. Por cima d'estas arcadas ha outros pilares mais delgados em que descansa o socaleo das abobadas da grande nave, accusando já a forma ogival.

Entre a travessão da nave e do côro vê-se uma galeria ornada de pilastras, sobre as quaes correm pequenas arcadas tambem arrendadas.

Ha tempos que n'esta igreja se estão fazendo trabalhos de restauração. A abobada, e os pilares do côro cobriram-se com uma decoração polychroma, composta de ornatos no estylo do seculo xii, e de figuras de prophetas pintadas por um Flandrin. O mesmo artista pintou á entrada do côro dois quadros grandes, a *Entrada de Jesus Christo em Jerusalem*, e *Jesus caminhando com a cruz para o Calvario*. Louva-se o estylo simples e elegante d'estas duas composições, pintadas comtudo n'um tom fraco, comparado



EGREJA DE SAINT-GERMAIN DES PRÉS..

com o da decoração que é excessivamente carregado. Reformaram-se também as cadeiras do coro para harmonisar com o estylo do edificio.

À entrada da nave lateral vê-se á esquerda uma estatua da Virgem em marmore, obra do seculo XIII, e d'um piedoso e candido sentimento.

Os poucos paineis d'esta egreja vão desapparecendo á proporção que avança a decoração polychroma do interior. Citam-se entre outros a *resurreição de Lazaro*, de Verdier; o *baptis-*

mo do Eunuco, por Bertin; a *entrada em Jerusalem*, por autor desconhecido; e a *morte de Saphira*, por J. Leclerc, todos do seculo XVII. Notam-se também n'este templo o tumulo de Casimiro, rei da Polonia, e o de C. Castellan.

Esta abbadia foi das mais ricas e poderosas na idade media. As suas officinas e mais edificios dependentes cobriam um terreno tão vasto que chegava até ás margens do Sena. O abbade exercia autoridade senhorial no territorio da communa, tendo ás suas ordens officiaes

de justiça. O bispo de Paris, no espirital, e o governador, o preoste da ilha, a universidade, o tribunal de justiça, e o parlamento tinham de contar com elle na administração temporal. As immensas riquezas d'esta abbadia e os seus privilegios tornavam-na digna d'um principe, e Casimiro v, que acima citámos, abandonou pela cadeira abacial de *Saint-Germain* o throno da Polonia.

NAVEGAÇÃO.

Desde que o vapor applicado ás vias ferreas accelerou as communicações, tendem as suas empresas a inutilisar a communicação maritima. N'esta lucta porém entre ambos os meios, ainda a fluvial não ficou vencida; nem o será; porque se deve attender que a elevação das tabelas dos caminhos de ferro arreda a concorrência dos volumes mais pesados, e vae entregal-os assim á sua competidora e rival, que tem sabido sustentar a barateza comparativa dos fretes.

D'aqui nasce que os governos illustrados amparando a ambas, a ambas dispensam igual favor e protecção. Concordes, e harmonisadas, em vez de rivaes e inimigas, podem prestar importantes serviços aos estados onde se der a condição de se poderem sustentar.

A agricultura, o commercio, e a industria recebendo entre nós favor de ambas, para ambas estão reclamando igual protecção; e temerario e aquelle que concorrendo para uma com os seus capitaes busca suscitar embarços á outra. No pouco que já temos de via ferrea se conhece que ambos os systemas de communicação se podem sustentar, porque nem o entusiasmo e a concorrência pela viação ferrea tem afrouxado a nossa navegação fluvial para os mesmos pontos por onde passam aquelles caminhos, nem a communicação pelo rio tem prejudicado aquella.

A razão é clara. Está na tarifa das mercadorias transportadas. A taxa nos caminhos de ferro não poderá nunca competir com a da navegação fluvial; e assim ficam ambos os systemas de pe. e demonstrado que sem prejuizo reciproco podem continuar com proveito de todos aquelles ramos que constituem a felicidade do paiz.

Se voltamos olhos para a nossa vizinha Hespanha, onde se adianta a construcção de extensas linhas ferreas, veremos apar do incremento que ellas vão tomando, o mais desvelado interesse pelos trabalhos de canalisação, regendo a experiencia as novas vias fluviaes que se projectam abrir, e conservando-se as já feitas com cuidadoso esmero, para acudir assim, por todos os meios possiveis, ás exigencias sempre crescentes do commercio e da industria.

Não fallaremos aqui do grande proveito que as nações esperam colher da projectada abertura do isthmo de Suez, porque não vem perfeitamente para o paralelo que tentamos estabele-

cer. Indicamol-o unicamente para fazer sentir que ambos os meios de communicação se aperfeiçoam apar um do outro, com solidas vantagens.

Para o caso só queriamos trazer um recente exemplo de França. Apresentou-se ahi um projecto de lei na reunião dos conselhos geraes e das camaras do commercio das provincias, situadas á beira dos rios Rhodano, Saone, do canal de Borgonha, do Saone superior, do Doubs, e do canal do Rheno. Ha no projecto o intuito de favorecer a navegação fluvial franceza; e aqui extractaremos com o *Boletim do ministerio das obras publicas* as bases que ali parece estabelecerem-se:

« 1.º Garantir o melhoramento permanente das boccas do Rhodano por meio de um canal de grande navegação maritima, com a capacidade necessaria para os navios de grande tonelagem entrarem livremente com todo o tempo na bacia inferior do rio.

« Este canal, muitas vezes pedido com grande instancia pelo conselho geral do Rhodano, e pela camara do commercio de Lyão, servirá depois de linha de continução á immensa obra projectada para estabelecer a communicação do isthmo de Suez com o interior da França.

« 2.º Propôr uma radical modificação no systema dos direitos de navegação, hoje em vigor, nos rios, e especialmente nos canaes, supprimindo-os no todo, ou pelo menos assimilando-os aos que se pagam nas estradas ordinarias.

« 3.º Promover o aperfeiçoamento dos sitios aonde os rios e canaes ainda offerecerem difficuldades á navegação.

« 4.º Finalmente, organizar o serviço a vapor pelos rios e canaes de modo que se possam trazer as mercadorias do Mediterraneo, transportando-as sem solução de continuidade com uma rapidez e regularidade pelo menos igual ás dos transportes de pequena velocidade dos caminhos de ferro, e com economia consideravel, sendo conduzidos os volumes a Paris de uma parte do Rhodano, pelo Saone, pelo canal de Borgonha, pelo Ionne, e pelo Sena, e da outra por Strasburgo, pelo Saone, por Doubs e o canal do Rhodano até ao Rheno.

Estas bases demonstram que a França tão cortada como está de vias ferreas, não descursa um instante de aperfeiçoar a navegação fluvial, abrindo-lhe novos recursos. N'aquelle paiz o projectar-se uma obra colossal, é o mesmo que dizer-se que immediatamente se porá em execução. Verdade é que a nação franceza tem em si grandes recursos; mas não é menos exacto que uma vontade energica vence muitos obstaculos. Assim é que lembramos aqui, ao levantar mão do assumpto, como primeiro passo para a protecção da navegação fluvial, o melhoramento e desobstrucção dos nossos portos, tantas vezes reclamada, ha tanto tempo promettida, e desgraçadamente até hoje tão descuidada.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA.

I

Continuação.

Luiz o Gordo foi o primeiro dos reis de França que recebeu na abbadia de S. Diniz a famosa bandeira conhecida pelo nome d'Auriflamma, e a qual a opinião do vulgo liga milagrosa virtude. Esta bandeira tornou-se o principal estandarte dos exercitos francezes, até ao reinado de Carlos VII.

Foi Luiz o Gordo que começou a pôr os reis, por assim dizer, fora da servidão. Restabeleceu e consolidou o seu poder por instituições uteis. A principal foi a das *communas*. Não havia então homens verdadeiramente livres senão os ecclesiasticos e os nobres. Todos os outros eram mais ou menos escravos. Permittiu-se-lhes comprarem a isempção, e escolherem *maires* e *ve-readores*, e creou-se o governo municipal. As cidades, tornadas pequenas republicas sob o nome de *communas*, deviam fornecer ao rei certo numero de homens de guerra; cada parochia marchava sob o estandarte do seu santo. Os senhores não tinham o mesmo imperio sobre estes novos libertos, zelosos da sua liberdade. Os direitos que se lhes tinham vendido, eram solidamente garantidos. O exemplo do monarcha foi imitado por grande numero de nobres. Algumas cidades sacudiram o jugo, apoiadas pelo rei: emfim os burguezes adquiriram o direito de serem governados por officiaes tirados das suas corporações. As *communas* formaram, depois, terceira ordem de cidadãos, sob o nome de *terceiro-estado*, que teve grande autoridade nas assembleas geraes da nação. Comtudo houve ainda muitos servos até ao reinado de Luiz Hutin, epoca da alforria geral.

Outra instituição não menos util, foi o direito de *appellar*, em muitos casos, para os juizes reaes das sentenças dadas pelos officiaes dos nobres. As justças senhoriaes perderam assim grande parte da sua autoridade, em proveito da do soberano. Sendo este desde então o primeiro juiz, não podia deixar de vir a ser em breve legislador.

As justas e torneiros eram muito moda. Empobreciam-se para brilharem n'elles: expunham-se a perder a vida para ahí mostrarem a destreza. Mais de vinte principes morreram n'estes jogos, antes de ser possivel abolir similhante costume.

O numero dos leprosos era tão consideravel no tempo de Filippe Augusto, que as mais pequenas aldeas eram obrigadas a ter um hospital para esta doença.

Foi tambem n'este reinado que, pela primeira vez, o marechal de França commandou o exercito.

Filippe Augusto foi o primeiro dos reis de França que conservou um exercito em serviço, mesmo em tempo de paz. Para estar menos dependente de seus vassallos, assoldou tropas, de que dispunha a vontade.

Foi no reinado d'este mesmo principe que foram lavrados os estatutos da celebre universidade de Paris. Esta douta corporação não deve a existencia a Carlos Magno, como se diz; mas evidentemente a Luiz o Moço; e Pedro Lombardo pode ser olhado como o fundador. A sua autoridade foi grande, principalmente durante o scisma. O reitor dava poder aos pregadores. Nem elle, nem os seus alumnos contribuiam para os encargos do estado. As suas causas eram confiadas ao preboste de Paris, que se honrava com o titulo de *conservador dos privilegios reaes da universidade de Paris*. A assignatura do reitor intervinha nos actos publicos, e nos tractados: e enviava deputados aos concilios. Com a extirpação do scisma, e no reinado de Carlos VII, e que começou a diminuir o poder da universidade. Emfim, no tempo de Luiz XII o cardeal d'Amboise pôl-a pouco mais ou menos no pe em que se achava em 1774. Desde então tem soffrido algumas reformas.

A cavallaria, de que havia alguns vestigios desde o tempo de Carlos Magno, tornara-se florecente. Luiz VIII foi armado cavalleiro por seu pae. Esta instituição militar e politica foi comparada, pelos antigos, ao sacerdocio e a prelazia. Ninguem chegava á ordem de cavallaria senão depois de longas provas. Um joven candidato ia, desde a idade de sete annos, para casa d'algum illustre cavalleiro, para o servir na qualidade de *pagem* ou *donzel*. Ahí era educado ordinariamente por mulheres. O amor de Deus e das damas fazia a materia de lições egualmente serias. Aos quatorze annos, o mancebo subia de *pagem* ao grau d'*escudeiro*. Tinha então differente emprego, principalmente o de vestir e despir o amo, levar-lhe a armadura, etc. Em geral, ninguem era cavalleiro senão aos vinte um annos pelo menos. Os jejuns, as vigílias na igreja, e outras muitas praticas de devoção precediam a grande cerimonia, que consistia em uma pequena bofetada, ou em tres pancadadas com a folha da espada que davam no novico, dizendo-lhe: *Da parte de Deus, Nossa Senhora, e do Senhor S. Diniz, faço-te cavalleiro*. Era a formula mais usada. Jurava-se sacrificar a vida, e os bens em defesa da religião e do estado, das viuvias, orphãos, e de quantos tivessem precisão de soccorro. Os cavalleiros gozavam de grandes privilegios: *madame* era o nome que se dava ás suas mulheres. Apaixonados pelas aventuras, a gloria e o prazer excitavam-lhes sem cessar a emulação. Mas a historia não permite duvidar de que fossem muitas vezes tão licenciosos no amor, como terriveis nos feitos d'armas.

Continua.

COINCIDENCIAS N. TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU NESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 3.

Continuação.

O primeiro cuidado de D. Pedro foi mandar embaixadores a Castella, que ratificassem os antigos tratados, e ajustassem *tres* casamentos: os *tres* infantes, D. Fernando, D. João, e D. Diniz, com as *tres* princezas irmãs, D. Beatriz, D. Constança, e D. Isabel, filhas de D. Maria de Padilha; e foram por esta ocasião entregues de parte a parte, os compromettidos de ambos os estados. Os *tres* que deviam vir para Portugal, em troca de outros *tres*, eram os assassinos de Ignez de Castro; mas D. Pedro só obteve, como dissemos, punir dois em Santarem, no anno de 1360, terceiro paiz de dezenas depois do decimo terceiro seculo.

Não parou aqui a satisfação que D. Pedro quiz dar á sua dôr. Em *Cantanhede*, convocou *córtes* e confirmou seu casamento clandestino em Bragança com D. Ignez, no qual havia officiado o bispo da Guarda D. Gil; nome em que, não só ha a coincidência de se escrever com *tres* letras, mas a de ser egualmente a unica vogal que contem, a terceira. Mandou depois trasladar para Alcobaca o corpo da rainha defunta, deixando assim por ella memoraveis *tres* cidades: Bragança, a do seu noivado; Coimbra, a de sua vida e morte; Alcobaca, a do seu tumulo; e principiam os nomes d'estas cidades, pelas três primeiras letras do alphabeto, A, B, C, Alcobaca, Bragança, Coimbra.

D. Fernando successor de D. Pedro *Cru* casou com a terceira de *tres* Leonores, com quem esteve esposado: uma, filha do rei de Aragão; outra, filha do rei de Castella; outra, Leonor Telles, filha de Martim Telles, irmão do conde de Barcellos, e mulher de João Lourenço da Cunha. Sollicitou a de Aragão, e chegou a casar com ella por procuração, nas vistas de alcançar auxilio contra Castella, quando pretendia esse throno como bisneto de Sancho, o Bravo: mas, a instancias do papa, vindo a fazer pazes com D. Henrique, a quem chegara a desafiar pouco antes, inimigo, contractou casamento com a Leonor de Castella, filha d'este rei, e descontentou o de Aragão, que lhe tomou o dinheiro que para lá tinha mandado, para despesas da guerra. Finalmente, tendo visto Leonor Telles, declarou a paixão, em que por ella ficou abrasado, a D. Maria Telles, irmã da mesma: a qual não deixou de aconselhal-o, como devia, a vencer-se, e não tirar uma mulher do leito conjugal de seu marido para recolhel-a no seu.

Do justo e duro Pedro, nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum Fernando
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vendo o castelhano devastando
As terras sem defesa esteve perto
De destruir o reino totalmente;
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Ou foi castigo claro do peccado.
De tirar Leonor a seu marido etc.

Tres esquadras. Havendo succedido o principe D. João a D. Henrique de Castella, e tendo em consequencia de certos tratados com D. João, e ajuste de outros com o duque de Lancastre, determinado D. Fernando favorecer as pretensões d'este á corôa de Castella, a tempo que demolia os muros d'Evora, deu o commando de uma esquadra ao conde D. Affonso, irmão de sua mulher. Esta esquadra sendo superior á hespanhola, foi comtudo desbaratada, ficando o almirante Fernando Sanches prisioneiro dos vencidos. A terceira esquadra que devia pelejar n'esta guerra, era a ingleza, commandada pelo duque de Cambridge, com o filho do qual ainda menino, ajustou D. Fernando o casamento de sua filha. Concluiu-se a guerra com desavenças dos portuguezes e inglezes: e, não querendo o rei de Castella estar por certas condições, mandou-lhe o de Portugal ainda um cartel, com o que immediatamente ratificou o tratado. Por este tratado deram a D. Beatriz de Portugal o infante D. Fernando, filho segundo do rei de Castella, em lugar de seu irmão mais velho.

Deu uma vez D. Fernando a D. João Affonso de Moxica, senhor castelhano, trinta mil marcos de prata em baixella, vinte marcos de oiro, e trinta mulas ricamente ajaezadas, e muitas andainas de tapeçaria mui formosa, além das terras que lhe doou.

Tres conjurados. Ruy Pereira, Alvaro Paes, chanceller dos dois ultimos reis, e o Mestre d'Aviz, concertam entre si a morte do conde d'Andeiro, a qual teve lugar no dia 3 de Dezembro, isto é, no terceiro mez do ultimo trimestre de 1383; sendo connivente n'ella o conde de Barcellos irmão da rainha, a qual depois se retirou para Alemquer e recusou a proposta de casar com o Mestre d'Aviz.

Tres aclamações. Por parte de D. Fernando mandou o rei de Castella acclamar D. Beatriz, sua mulher, como rainha de Portugal. D'entre os vivas que davam, surdiam outros que pretendiam acclamar D. João, filho de D. Pedro e D. Ignez de Castro; fualmente, amotinado o povo, quando foi da morte do conde de Andeiro, chegou a precipitar da torre da Sé o arcebispo D. Martinho, somente por ser hespanhol, e veio pouco depois a acclamar o Mestre d'Aviz, regente do reino.

Continua.